



N.º 81 — LISBOA, 28 DE JULHO

2.º ANNO 1904

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras  
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**

PREÇO AVULSO 20 RÉIS  
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

### Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 15000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 25500 rs  
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 15000 rs.  
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 15500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porem de comecar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CÂNDIDO CHAVES

COMPOZIÇÃO  
**Minerva Peninsular**

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

**Lithographia Artistica**  
Rua 16 Almada, 32 e 34

# ACTUALIDADE

## A proposito do principado de Monaco



## A MEZA DO ORÇAMENTO

(Uma corda no zero)

## O ascensor e o electrico



Não ha certamente no mundo uma cidade que, como Lisboa, opponha mais resistencia em ser feliz.

Conta-se que D. Pedro IV exclamava, diante da resistencia dos portuguezes em acceitar a liberdade que elle lhes trazia na Carta Constitucional—Arre! seus burros! Não de ser livres!

Em Lisboa não ha melhoramento que não encontre resistencia e que não tenha de ser imposto quasi á força.

Quando Rosa Araujo falou pela primeira vez em deitar abaixo as grades do Passeio, para abrir a Avenida, ia havendo uma revolução. Fez-se um abaixo assignado para que se conservasse o Passeio e não sabemos se houve comicios e se o commercio fechou as suas portas em signal de protesto; mas não seria de extranhar que assim succedesse. O dia em que as grades do Passeio desapareceram foi um dia de lucto para Lisboa.

Quando se começou a abrir o tunnel da Avenida, houve panico. A idéa de um tunnel por baixo da cidade pareceu diabolica. As casas iam cair. Os senhorios reclamaram. Quem morava por cima do tunnel mudou-se á pressa. Por toda a parte, a imaginação via paredes a cambalear.

Quando foi dos electricos, foi peor. Os jornaes publicaram estatisticas demonstrando que a tracção electrica era uma calamidade publica. Vieram engenheiros depôr. Fizeram-se campanhas. A tracção electrica appareceu como uma origem de infundaveis perigos: as ruas tornavam-se intransitaveis e todos os raios se abatiam sobre Lisboa em dias de tempestade. Interveio a esthetica e a rede dos fios conductores foi considerada como coisa feissima, que maculava e deshonrava a cidade. A Igreja interveio tambem, reclamando em nome das precissões, que já não podiam passar com os seus pendões e andores. O commercio viu nos electricos uma causa de ruina. Os electricos iam arrebatar, desviar a freguezia. O Chido reclamou, não quiz electricos, protestou contra os electricos. Abaixo os electricos!

Finalmente os electricos vieram e quando Lisboa verificou que os electricos não eram perigosos e eram prestantes, Lisboa adoptou os electricos. Ainda, durante algum tempo, resmungou. Alguns desastres pareceram justificar a sua repugnancia por esse util melhoramento, mas a breve trecho, reconhecendo que afinal só succediam desastres ás pessoas que

não andavam nos electricos, toda Lisboa, finalmente reconciliada com o Progresso, desatou a andar nos electricos.

Eis, porém, que se fala em levar os electricos a bairros que elles ainda não servem e onde são immensamente precisos e já novas resistencias se levantam a que os seus admiraveis serviços se tornem mais completos.

Os moradores dos bairros distantes de Santa Isabel, da Lapa e de Campo d'Ourique não tem electricos. Vivem em Lisboa e é como se vivessem na provincia. Reclamam—diga-se em sua homenagem—os electricos; mas um embaraço se levanta a que possam gosar com promptidão esse indispensavel melhoramento. Esse embaraço—é o Ascensor, o ascensor que invoca direitos, tradições, cicatrizes, cabellos brancos e que se oppõe aos electricos.

Certamente o ascensor foi util, como foi util a espingarda de pederneira. Prestou serviços que seria ingratidão esquecer. Lisboa é uma cidade de altas, escarpadas collinas que nossos avós e nossos paes longos annos subiram a pé suando e gemendo. Nós mesmos conhecemos esses Calvarios e trepamos a custo pelos seus tremendos declives; e quando o ascensor veio todos nós o saudamos como pura maravilha do Progresso e como instrumento utilissimo de commodidade social. Mas o que justamente é proprio do Progresso é o movimento. Se o progresso estivesse parado não seria—o Progresso. Depois do ascensor veio o electrico e o ascensor foi condemnado a desaparecer.

A sua teimosia em viver, em subsistir, em querer ser util, quando já não é preciso, só pôde explicar-se por esse espirito de resistencia ao Progresso, que faz com que Lisboa não se despeça nunca do Passado senão no meio de lagrimas e gritos.

Diz-se que o ascensor quer construir electricos.

E' absurdo.

O ascensor tem um direito unico—o de morrer.

Está na agonia. E' vel-o simplesmente trepar a calçada da Estrella. O espectáculo da sua decrepitude é de fazer chorar as pedras. Não anda: vae de gatas. A sua marcha é arquejante e dir-se-hia que se cança tanto de subir, como se fosse a pé. Todo elle é estremecimentos, arrancos, indecisões, tremuras.

Quando entra a descer pelo pendor dos Paulistas, diriamos que tem vertigens e que vae cair, rolar pela calçada abaixo. Quando se precipita pela valla da rua de S. Bento, abandonado a si mesmo, diriamos que perdeu a razão e vae atirar-se de encontro á rampa da calçada da Estrella, farto de viver, farto de servir, farto de trabalhar. Todo o seu velho

organismo se desconjuncta e clama ruina. Os seus ossos estalam. Tudo aquillo, lá por dentro, é uma lastima. A sua velhice é tão manifesta e as suas enfermidades tão evidentes que andar no ascensor é uma dôr d'alma e uma deshumanidade. Sofre-se por elle, como se elle fosse um organismo vivo; e vel-o passar nas ruas faz tanta pena, como ver passar, excessivamente carregado, um velho animal fóra de serviço. O ascensor geme ao peso dos seus passageiros. Basta simplesmente pôr-lhe um pé em cima. O ascensor cede, oscilla, fica um momento a tremer. A' medida que se vae enchendo parece que vae vergando. Quando se enche, não é um ascensor: é uma mudança, e pela calçada da Estrella acima, cheio de gente, pequeno de mais para o seu ambiente, fraco de mais para o seu tempo, verdadeiramente faz dô.

Tem então paralyrias. Pára. Os seus passageiros apaeiam-se contristados, porque já sabem: elle não se move tão cedo. Juntam-se magotes de povo. Pergunta-se—«O que tem o ascensor?» A policia occorre imaginando que é precisa uma maca. Os reporters tomam nota da occorrença.

Pobre ascensor!

O ascensor—eis a verdade—é um sobrevivente. Como tal, se não devemos desejar-lhe a morte, devemos pelo menos promover-lhe o repouso. Trabalhou, foi util. Descance. Vá para um museu, ou vá para um asylo.

JOÃO RIMANSO.



### Patente de invenção

Foi indeferido o pedido de patente de invenção para «um novo systema de jornal annunciador denominado O 'Reclame.'»

Comprehende-se admiravelmente: o privilegio do reclame seria um attentado aos direitos da imprensa em geral.



### Comer muito e comer pouco

Dizem que os habitantes do Japão São muito moderados no comer; Que não desejam a barriga encher E lhes basta de arroz parca ração.

Cá, entre nós, ha muito comilão Que desbanca o de Almada (isto a meu vêr) E que não quer arroz para esmoer, Mas d'aquillo que custa um dinheirão [...]

E os japonezes não nos mettem dô; Entram na guerra sem temor algum, São todos elles d'uma canna só!...

Não errava dos frades, nem só um, Quando comia fiambre e pão de ló Aconselhando aos outros o jejum!!!

## 24 DE JULHO

Vão-se os deuses e os grandes dias! A biographia da Liberdade em Portugal perdeu interesse, como a vida de um antepassado illustre que esqueceu. Caiu no domingo passado o dia 24 de julho, outr'ora tão celebrado, e de tal maneira esse anniversario patrio caducou na memoria contemporanea, que a unica commemoração que o Estado ainda lhe dedica, a das luminarias officiaes nos edificios publicos, essa mesma foi escassa e mortiça, como se o proprio azeite que alimenta o fogo sagrado dos principios liberaes se recusasse a illuminar successos tão remotos e olvidados.

Comtudo, ha bem poucos annos ainda, como era festivo esse dia 24 de julho! A manhã acordava ao repicar dos sinos e ao estrallear dos foguetes; S. Domingos paramentava-se para o *Te-Deum*, os accordes matinaes do hymno da Carta iam lembrar a Lisboa ainda adormecida que novamente raiaria a aurora da Liberdade. A cidade punha-se a pé com alvoroço, interrogava o ceu, vestia fato novo e arvorava cores azues e brancas. Bons tempos! Era ainda Telles Jordão na Outra Banda, o duque da Terceira atravessando o Tejo e os presos da Torre de S. Julião succudindo o jugo do «grilhão oppressor», abraçando-se entre lagrimas, abençoando o tempo e os homens, como se um novo mundo nascesse.

O dia 24 de julho era o Santo Antonio da Liberdade. O povo queimava ainda alcachofras aos principios; mas a festa era a parada.

A parada começava ás quatro, ao declinar do sol, mas ao meio dia, já o Rocio, a rua do Ouro, a rua Augusta estavam apinhadas de povo. Armava-se um pavilhão na fachada do theatro de D. Maria, todo de veludo encarnado, com sanefas de seda azul e branca, e como era d'ahi que a rainha devia assistir ao desfilar das tropas, era ahi que se juntava mais gente, contida pela cavalleria, então menos fogosa do que hoje. Os cavallos, como os homens, mantinham ainda o culto dos principios. A soberania popular estava no seu apogeo. As ferraduras da Força pisavam com cautella o solo sagrado da Liberdade.

Quando das bandas do Terreiro do Paço subia com o estampido do canhão, a algazarra dos hymnos marciaes, Lisboa tinha a impressão de que era o Duque da Terceira que desembarcava outra vez. A alma liberal dos portuguezes corria para a beira dos passeios.

Afinal quem vinha não era o Duque da Terceira, era o Fontes, no seu corsel d'Estado, empenachado

como um general do Imperio, e exhibindo, mais que nunca reluzente, o seu bigode preto. Ninguem acreditava no bigode do Fontes. Comtudo, o bigode era o mais bello attractivo da sua figura. N'esse dia todos concordavam que o bigode do Fontes fazia honra ao Poder Executivo.

A tropa seguia-o engraxada e derreada, sob o peso das patronas e das barretinas. Os officiaes de cintura fina e botas apertadas, olhavam para as janellas, aonde se debruçavam sobre este spectaculo de virilidade, todas as chloroses de Lisboa; mas o grande movimento de commoção era a passagem dos porta-machados, de avental d'anta branca, barbudos e féros, precedidos de um alto, irresistivel tambor-mór que fazia molinetes com um bastão de cobre. Lisboa delirava e por um instante, a Defeza Publica apparecia feita a machado, por esses tremendos barbaças.

Se, porém, os porta-machados enthusiasmavam, os veteranos commo-viam. As mães mostravam-n'os aos filhos, como outr'ora se mostravam os despojos do Grande Exercito—os soldados de Wagram e de Austerlitz. Toda a gente tirava o chapéu e se ficava a olhar para elles com essa melancolia com que se olha para os velhos que vem arrastando alguma coisa do fundo tenebroso do passado.

Quando passavam as ambulancias no coice da parada, Lisboa tinha a impressão de que dentro, estendidos ao comprido e gemendo, ainda vinham os feridos do cerco do Porto.

Pouco a pouco, esta festa caiu em desuso e desapareceu.

O fim da Liberdade em Portugal foi o fim de todos os amores.

A Liberdade—diz O. Martins—foi uma menina que se namora.

A liberdade dos liberaes, em Portugal, foi um namoro que acabou.



### Lide á hespanhola

A Sociedade Protectora dos Animaes declina toda a responsabilidade nos incidentes da ultima corrida de touros.

Mas ninguem lh'a pediu respeitavel Sociedade.

A responsabilidade é dos bois.



### Poetas inspirados

Um dos nossos collegas qualifica assim Camillo Flammation—«o inspirado poeta da astronomia.»

Por outra: o Eduardo Vidal da astronomia.

## GUITARRA DA PARODIA

### MOTE

Dei-lhe o primeiro e corou,  
Dei-lhe o segundo e sorriu;  
Todos os mais que lhe dei  
Foi ella que m'os pediu.

### GLOSA

Vendo-a correr no jardim,  
Fiquei ardendo em desejos,  
E disse—para dar beijos  
Nunca eu vi um rosto assim!  
Não fiquei senhor de mim,  
Tanto a visao me encantou;  
Meu passo se aproximou  
Para os encantos da bella,  
E, apenas chego ao pé d'ella,  
Dei-lhe o primeiro e corou.

Tomou a côr d'uma rosa,  
Mas d'uma rosa divina  
Que floresce na campina  
E entre as irmãs é ditosa:  
Depois da brisa amorosa  
O bafejo me influiu;  
E em tamanho ardor se viu  
Meu perturbado sentido,  
Que, tornando-me atrevido,  
Dei-lhe o segundo, e sorriu.

Eu fui ditoso a mais não  
Só com aquelles dois beijos;  
Mas não fartei os desejos  
Que tinha meu coração!  
A sua cintura, então,  
Em meus braços apertei;  
Subido ao céo me julguei  
Tam sómente para amar...  
E não me atrevo a contar  
Todos os mais que lhe dei!

Isto não é ideal  
Em que a mente se desgarras;  
E canto ao som da guitarra  
Da minha historia afinal.  
—Se, roubando os dois, fiz mal  
Foi porque Amor consentiu;  
Mas, como nunca mentiu  
Quem guarda affectos leaes,  
Digo que todos os mais  
Foi ella que m'os pediu!

VENANCIO.



### Concorrençia

Os elevadores vão reduzir os seus preços.

Por philantropia?

Não!

Por medo.

Não ha nada mais salutar do que a concorrençia.



### Os duellos

Depois dos dois recentes duellos do Porto, toda a provincia começou a bater-se. Agora foi, cremos, nas Caldas do Moledo, á pistola.

Querem ver que com os duellos se dá o mesmo que com os suicidios?

—Depressa! Acabemos com as noticias dos duellos.

# A POLITICA DE NEGOCIOS



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO  
Encom. no Rio - Julho.

O CABAZ DAS COMPRAS

## Portugal selvagem

Aqui ha tempos correu que estava exposto em um museu de Paris—não sabemos se no museu Carnavalet, um abano de pennas, dos que são geralmente usados nas nossas cosinhas, tendo appenso, um cartão com os seguintes dizeres: *Eventail fait par les sauvages de la province de l'Algarve (Portugal)*, o que, passado a vernaculo, quer dizer: *Leque feito pelos selvagens da provincia do Algarve (Portugal)*.

O conhecimento d'este facto provocou naturalmente indignação. Era absurdo que a França acreditasse na existencia do selvagens no seio da Europa e era sobretudo affrontoso para nós que fossemos nós esses selvagens.

No entanto, se a nossa selvageria não fabrica leques de pennas, fabrica por vezes factos que os valem.

Ha dias, um homem justamente do Algarve, bradava em um jornal da manhã contra os actos de crueldade de que era victima uma pobre louca em uma localidade d'aquella provincia. Essa desventurada,—contava elle—vive com cadeias aos pés e algemas nas mãos e assim passa os dias, na rua, ao ar livre, semi-nua, exposta ao escarneo dos garotos. E' casada e, já depois de ter enlouquecido, houve do bruto do marido dois filhos—que creou. Emquanto durou a amamentação, o marido tirou-lhe as algemas, que mais tarde tornou a collocar-lhe nos pulsos, onde ella as conserva.

Esta mulher não está realmente exposta no museu Carnavalet, mas devia estar.—Vale o leque de pennas.

Mas mais recentemente, isto é, ha tres dias, contava o *Seculo*, pela voz do seu correspondente em Alpiarça, que tendo ali sido preso um falso aleijado, este fizera as seguintes declarações:

«Que de todos esses aleijados, coxos e cegos, que andam a pedir de feira em feira, raro é o que não é fingido; que as proprias familias é quem cega e aleija os filhos para com elles andar a pedir; que para cegar esses desventurados que tem os olhos rebentados, lhes applicam agua forte ou outros ingredientes; que aos aleijados succede outrotanto, chegando mesmo os paes a deceptar com um podão, as mãos, braços, ou pernas ás creanças para as inutilizar, afim de pedir com ellas etc., etc.

E o correspondente do *Seculo* em Alpiarça, acrescentava:

«Ha poucos dias, ainda aqui, na feira do Chouto e na de Santarem, andou uma rapariga de 12 annos, amarrada de costas á albarda de um burro e apertada com uma cilha, co-

mo se fosse um odre, com as pernas atadas ás costas e com ligaduras ensanguentadas nos joelhos, para ir assim ficando aleijada e cheia de feridas. Com o calor que se sentia, causava horror semelhante espectáculo; mas a rapariga, provavelmente já calçada de semelhantes tratos, ou com medo dos seus algozes, nem sequer se queixava.»

Estes horrores tambem não estão nos museus de Paris, mas podiam estar.—Tambem valem o leque de pennas. Não ha razão alguma para que um povo, no meio do qual se dão estes factos, não se enfeite com pennas, como as tribus das margens do Orenoque.



## O monopolio das barbas

Os officiaes de barbeiro de Lisboa vão associar-se para fundar um grande estabelecimento de barbear.

E' o primeiro passo para o regimento do monopolio.

Esperemos os acontecimentos e ponhamos as barbas—de mólho.



## O Amor

Na sua secção litteraria, o *Diario de Noticias* publica um artigo em que estuda o amor, e entre outras citações, faz esta de Pascal: «Se o nariz de Cleopatra fosse um pouco mais curto seria outra a face do mundo.»

Pascal disse isto?

Se realmente o disse, disse mal.—Não é do nariz das mulheres que está dependente a face do mundo: é do nariz dos homens.

Um nariz excessivamente pequeno é muitas vezes causa de tremendas perturbações.

Não foi o nariz de Cleopatra que virou a face do mundo. Foi o nariz de Antonio.



## No dia do noivado

Quando te vi no dia do noivado  
Entrei com meus botões logo a pensar...  
Quanto seria bom dormir, sonhar  
Numa cama qualquer junto a teu lado!

Lá por essa alta noite eu acordar  
Para te dar um beijo enamorado...  
E, depois d'esse terno beijo dado,  
Começar novamente a resonar!

Mas durou pouco tempo essa illusão,  
Pois vi que de meus sonhos a rainha,  
Tinha umas pernas feitas de algodão!

Logo apaguei a luz que acceza tinha,  
E disse-te:—Com essa afinação  
Não me venhas tu ver, ó joia minha!

## Todas as Russias

A *Tribuna Russa* convida a imprensa de todo o mundo a dar a maior publicidade possivel aos seguintes factos:

No mez de março foram feitas mil e duzentas buscas domiciliarias na cidade de Lods (Russia europeia), prendendo-se quatrocentas pessoas, das quaes cento e setenta foram encerradas na cadeia da cidade de Kalisch, onde lhes impozeram um tratamento insupportavel. Como protesto, os prisioneiros negaram-se a comer. O que fez a administração? Embriagou os malfeitores detidos n'essa cadeia, para que elles provocassem conflictos com os presos politicos—o que não deu resultado. Então, a administração recorreu a outro meio. Dois grupos de soldados, compostos de 270 praças e 17 officiaes foram introduzidos na prisão, onde, depois de embriagados, se lançaram sobre os desditosos presos politicos.

O que se passou então—conta a *Tribuna Russa*—foi horrivel. Os soldados feriram os prisioneiros com os sabres, espancaram-n'os, pisaram-n'os e tão longe levaram a sua furia sanguinaria que arrancaram os olhos a alguns. Outros foram suspensos por meio de cordas e vergastados. Um soldado, completamente embriagado, partiu os braços a dois presos, como quem parte um pão, sobre os joelhos. Este espantoso e repugnante espectáculo, durou sete horas. Setenta e dois presos politicos foram transportados ao hospital. Os seus corpos pareciam um conjuncto de carne sanguinolenta. Mas não parou aqui a ferocidade dos verdugos: o director da prisão foi ao hospital insultar os feridos moribundos e esbofeteou um d'estes, que tinha um olho varado e um braço partido. No hospital, alguns dos feridos tentaram suicidar-se.

A *Tribuna Russa* remata estas informações com as seguintes palavras:

«Estes factos não são infelizmente isolados. Outros semelhantes occorrem em Kovno, Kieff, S. Petersburgo, Odessa, Jakuskete. E' necessario que o mundo civilisado tenha conhecimento d'estes delictos commettidos pelo cesarismo.»

Estes attentados tem o inconveniente de fazerem victimas muito remotas, e o mundo civilisado só se preoccupa com o que se passa no *boulevard* dos Italianos, o qual, por seu turno, alliado da Russia, faz ouvidos de mercador.

Assim os russos lá tem de se haver uns com os outros e com o seu cesarismo.

A Russia está atrasada um seculo. Tem que correr muito para apanhar a civilisação.





Peço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

**RESTAURANT PARIS**

**JOSÉ FERNANDES**

SERVEN-SE: Jantares de mesa redonda a 600 réis

Serviço de lista a toda a hora

Pratos especiais para ceias

Gabinetes de 1.ª ordem

63, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 67

2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4—LISBOA

**Callista pedicuro**

**JERONIMO FERNANDES**

Empregado da casa Ornellas

R. SERPA PINTO, 48, 1.ª

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e

desencarnamento de unhas

pelos mais modernos processos

de hoje conhecidos.

Pedi-se ao publico que

visite este consulto para se

certificar dos verdadeiros milagres

que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde



**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

AVISO AO PUBLICO

Desde 1 de agosto de 1904 será posta em vigor a Tarifa especial P. n.º 12 de pequena velocidade para transporte de Cal commun, em pedra ou em pó e pedra para cal em bruto e a granel por wagons completos, de Amieira e varias estações das linhas do Minho e Douro e do Porto á Povoas e Famalicão.

Nas estações d'esta Companhia pode o publico consultar e obter por compra a referida tarifa.

Li-boa, 15 de julho de 1904.  
Pelo director geral da Companhia, o engenheiro sub-director—Augusto Luciano de Carvalho.

**VIERLING & C.ª, LIMITADA**

Cambio e papels de credito

Praça do Municipio, 1, 2 e 3—Rua do Arsenal, 44 e 46

LISBOA

Endereço telegraphico Numero telephonicoo

STERLING

611

**SAO MOZART**  
**MONTE JONSECA**  
**PIANOS**  
**ORGÃOS**

Instrumentos Musicos  
**RUA IVENS 52 54**  
**LISBOA**

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

**VERÃO DE 1904**

Serviço de banhos e aguas thermaes. Viagens de ida e volta por preços reduzidos. Bilhetes validos por 2 mezes com facilidade de ampliação de prazo.

Thermas: Cacos, Caidas da Rainha e Unhaes da Serra (Tortozendo e Covilhã). Estações: do Furadouro, Espinho, Granja, Porto, Foz do Douro, Mattosinhos Leça da Palmeira, Nazareth, S. Martinho e Figueira do Foz.

Desde 1 de junho e ate 15 de Outubro de 1904, esta Companhia terá á venda

bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mezes, das suas principaes estações para as que servem as localidades acima designadas.

Aos portadores d'estes bilhetes é concedida a facilidade de detenção em transito, ampliação de prazo, etc.

Para mais esclarecimentos ver os cartazes affixados nos sitios do costume.

Lisboa, 15 de junho de 1904.

O D. G da Companhia Chapy.

**CASA PORTUGUEZA**

Papelaria e typographia

**José Nunes dos Santos**

Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephonicoo 220—Endereço telegraphicoo Papettyoo

PAPELARIA

TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas.

Trabalhos typographicos em todos os generos.

Impressões a cores, ouro, prata e sobre setim.

Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141

Officina typographica: R. das Gaveas, 69

LISBOA



**ORTHOPÉDIA**

**CASA ESPECIAL DE FUNDAS**

e aparelhos orthopédicos

DE **MANOEL MARTINS**

FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS

DE SAUDE, DE BENEFICENCIA,

ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MUTUOS, ETC.

154, Rua da Magdalena, 154-A

(Antiga CALÇADA DO CALDAS,

PROXIMO AO LARGO DE SANTA JUSTA)

LISBOA



**Ourivesaria e Relojoaria**

com officina annexa

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos

de fabrico e

reparos



**Casa Africana—R. Augusta, 166**  
E' o estabelecimento de fazendas e modas que vende mais barata em Lisboa.

**O Mergulhão authenticoo**

Eu queria ter de oiro um bom cordão Porém inda hesitava onde comprar-o A' mente me ocorreu o Mergulhão Cento e sessenta e dois, lá em S. Paulo.

Entreí, e vi lá centos d'elles, d'estallo, Comprei um logo, e oh! admiração, Uns preços tão baratos, creio que não Se veem n'outras casas! um regalo!...

Relogios, brincos, broches, «souvenirs» Se tu lembranças d'estas não possuirs Visita aquella casa e te convences

Que o Mergulhão é o rei da barateza Em conta, é só quem vende com certeza Vae lá, e que isto é peta tu não penses!

**Ourivesaria e relojoaria Mergulhão**

162, R. de S. Paulo, 162-B

**GOARMON & C.ª**

Mosaicos Hydraulicos e Ceramicos. Azulejos em Faiança e Cartão. Tijollos em Cimento. Telha e Escama vidrada. Quadros e ornato para Chalets.

21—T. do Corpo Santo—Lisboa

Catalogos sob requisição

**STORES DE JUNCO**

Fazem-se com lindos desenhos em todas as larguras e por preços sem competencia, e esteiras para salas e quart., tudo com a maxima perfeição. Encarrega-se de encomendas para a provincia e estrangeiro. Rua do Alecrim, 107.

**CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL**

**Gaston Piel**

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRACÇA DOS RESTAURADORES, 16

**JOSE CLEMENTE**

51—Rua da Escola Polytechnica—55

**CASA DAS THESSOURAS**

FATOS em Paletot de 40000 a 250000  
FATOS em Frak de 120000 a 320000  
FATOS em Sobrecasaca de 160000 a 350000  
FATOS em Casaca de 200000 a 360000

**Taboletas**

Em todos os ganhos

**Francisco Santos**

R. Gremio Italiano 42

# TELEGRAMMA DE ENTRE-OS-RIOS

(Entre uma inalação e um douche, a correr)



Apesar Hotel Torre ter hospedes *em penca*, recebidos optimamente, costumada amabilidade donos casa. Dr. Baptista continua reger brilhantemente magnificos, salutareos concertos clarinete.



Entre os Rios...

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Aqui damos bouquet fina flor alguns *aquaistas*, mez Julho, gentilissimas pessoas suavissimas massadas enfermidades nossas.

Vae tambem Albino, o Figaro do Hotel, o verdadeiro Figaro que está em toda a parte. «Albino cá, Albino lá, etc.» como na opera de Rossini.